

ARQUITETURA DA ANSIEDADE? Percepções de impacto na saúde mental de discentes de Arquitetura e Urbanismo^{1 2}

Juliane Oliveira Santa Brígida (PPGAU/UFPA)³
Luiz de Jesus Dias da Silva (PPGAU/FAU/UFPA)⁴

Palavras-chave: percepção; universitários; Arquitetura e Urbanismo

RESUMO

O presente artigo debate os conceitos de percepção (Silva, 2021), ergonomia do espaço construído (Soares e Cidade, 2013) experiência do lugar arquitetônico (Duarte et al, 2023) e ambiência (Thibaud, 2004) através de um estudo piloto realizado em uma Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de uma Universidade pública da região Norte do Brasil. A questão norteadora foi: como o ambiente construído de uma faculdade de Arquitetura e Urbanismo é percebido pelos discentes de graduação e pós-graduação em relação ao seu impacto na saúde mental? O estudo contou com 80 voluntários aptos a responder questionário sobre ansiedade gerada ou fortalecida pelo prédio da Faculdade e/ou seus ambientes. O estudo adotou a metodologia qualitativa, através da aplicação de questionário anônimo *online* e observação participante, além da utilização da metodologia de mapeamento sensível desenvolvida por Melo (2019). Como resultados, obteve-se a relação entre os espaços da faculdade e a manifestação de sintomas de ansiedade e o mapeamento de zonas de incidência ansiogênica de acordo com as respostas dos discentes.

1. INTRODUÇÃO

Segundo a Associação Psiquiátrica Americana, as principais características do transtorno de ansiedade generalizada são “ansiedade e preocupação persistentes e excessivas acerca de vários domínios, incluindo desempenho no trabalho e escolar, que o indivíduo encontra dificuldade em controlar” (2013, p. 190). Além disso, sintomas físicos também podem ser manifestados: inquietação, fadiga, dificuldade de concentração ou lapsos de memória, irritabilidade, tensão muscular e perturbação do sono ou insônia.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

³ Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU/UFPA, mestrado em Ciência da Comunicação pelo PPGCOM/UFPA, pesquisadora do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia (LASSAM/FAU/PPGAU/UFPA)

⁴ Doutor em Antropologia pelo PPGCS/IFCH/UFPA, mestrado em Arquitetura e Urbanismo pelo PROArq/UFRRJ, docente da FAU/UFPA e do PPGAU/UFPA, pesquisador do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia-Lassam/FAU/PPGAU/UFPA.

Em diversos casos, pode ocorrer a sobreposição de diagnósticos, como por exemplo a manifestação de ansiedade social, também conhecida como fobia social, juntamente com o transtorno de ansiedade generalizada. Neste diagnóstico específico, juntam-se outros sintomas-chave que corroboram para a determinação do quadro mental, como: medo ou ansiedade exacerbados em situações sociais ou contextos socioculturais; o indivíduo teme agir de forma a demonstrar sintomas de ansiedade que serão avaliados negativamente em público; situações sociais provocam reações acentuadas de aversão frente à possível avaliação de outras pessoas (Associação Psiquiátrica Americana, 2013).

Dentre tais fatores característicos e diagnósticos, é possível perceber um conjunto de elementos presentes ativamente no dia-a-dia de estudantes universitários, em graduação e pós-graduação. Segundo Soares et al (2020), a ansiedade é de alta prevalência entre os estudantes universitários: os elevados níveis de pressão inerentes às atividades acadêmicas, a pressão no ambiente familiar, bem como ao estresse implicado na tentativa de conciliar estudos e trabalho, dentre outros fatores subjetivos, colaboram para que a incidência de transtornos de ansiedade seja alta em meio a esta população.

Estudos como o de Soares et al (2020), Aquino et al (2020), Filha et al (2017), Fragelli e Fragelli (2021), Silva et al (2025), Gonçalves e Teixeira (2022), Rosa et al (2025), entre outros reúnem dados sobre saúde mental, acessibilidade e transtornos mentais em ambientes universitários brasileiros, demonstrando que o estado da arte sobre o tema é extenso e já vem sendo discutido há muitos anos. Entretanto, no que tange à Arquitetura e Urbanismo o recorte de conhecimento e investigação científica acerca de acessibilidade neurodivergente ainda é limitada, restringindo-se às acessibilidades físicas e estruturais dentro dos campi.

Pesquisas sobre saúde mental universitária realizadas no Brasil durante os últimos cinco anos apontam que grande parte das respostas relacionadas ao desconforto dos estudantes está ligada à pressão da rotina universitária, apresentações públicas e performance nessa nova etapa da vida (Andrade e Pires, 2020), bem como a sintomatologia clássica da ansiedade: cansaço mental, preocupação excessiva, problemas para dormir, dores de cabeça (Balleste, 2021). Outro fator muito presente em relatos de discentes universitários foi o estresse, atrelado diretamente ao comportamento ansiogênico e outros transtornos de humor, social e de personalidade (Costa et al, 2019).

Com relação ao curso de Arquitetura e Urbanismo, existe uma retórica bem consolidada no senso comum que descreve o ambiente acadêmico como exaustivo, estressante, com muita cobrança; e os discentes, por sua vez, esgotados física e mentalmente, à base de cafeína e energéticos, com insônia constante ou recorrente para concluir trabalhos e entregar projetos. Estudos específicos sobre o panorama da saúde mental dos estudantes de arquitetura e urbanismo em instituições brasileiras como os de Dourado et al (2021), Balleste (2021), Hungulo et al (2025); estudos internacionais apontam que o cenário também se repete ao redor do mundo, como demonstram os estudos de Gil-Mastalerczyk e Jagiela (2023) na Polônia, Battisto et al (2024) e Hegenauer (2018) nos Estados Unidos, Xie et al (2021) no Reino Unido e Smith e Lilly (2016) na Austrália. É neste cenário que surge a seguinte questão de pesquisa: como o ambiente construído de uma faculdade de Arquitetura e Urbanismo é percebido pelos discentes de graduação e pós-graduação em relação ao seu impacto na saúde mental?

Assim, o objetivo deste artigo foi investigar a percepção de discentes em Arquitetura e Urbanismo, em uma universidade pública da região Norte do Brasil, em relação aos espaços construídos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. O percurso metodológico adotado durante o estudo consistiu de três etapas: levantamento bibliográfico acerca dos temas a serem estudados, aplicação de questionários online estruturados e anônimos com os estudantes da faculdade escolhida e observação participante em campo consiste. Entende-se, portanto, que o artigo encontra sua pertinência não só por explorar uma lacuna sensível dentro da vivência discente, mas se propor a explorar estas experiências no âmbito da Faculdade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Na construção de referencial teórico da pesquisa foram elencados conceitos-chave para a compreensão e discussão do tema e da questão norteadora do estudo. Em primeiro lugar, adotou-se o conceito de ergonomia do ambiente construído, de Soares e Cidade (2013). A partir da interpretação dos autores, a disciplina se debruça “às questões de adaptabilidade e conformidade do espaço às tarefas e atividades nele desenvolvidas” (Soares e Cidade, 2013, p. 2).

Dessa forma, históricos não apenas de doenças físicas e mentais, mas impactos e reverberações que ambientes construídos provoquem/corroborem na saúde dos usuários

passam a ser investigados como elementos principais para o estabelecimento da chamada Ergonomia do Ambiente. Ao assumir que o espaço construído, seja de trabalho, lazer ou estudo, tem impacto significativo na saúde mental das pessoas que o utilizam, compreende-se também que é necessário haver uma margem de adaptabilidade no espaço, de modo a acomodar ou mitigar efeitos negativos durante sua utilização.

Logo, a partir dessa linha de pensamento, adentra-se o campo da Psicologia Ambiental para um aprofundamento em como os sujeitos percebem e são impactados pelo ambiente. Desta feita, aloca-se o conceito de conscientização (Freire, 1980) como o aprofundamento de uma consciência crítica sobre os temas cotidianos. Dentro da Psicologia Ambiental, “o processo de conscientização [...] faz com que o sujeito se veja como parte integrante do meio com o qual interage de forma reflexiva e comprometida [...]” (Nóbrega et al, 2018, p. 26). O *estar consciente* demanda que o sujeito esteja ligado sensorial e psicologicamente ao ambiente construído, em uma troca contínua onde influencia e ao mesmo tempo é influenciado pelos elementos que o circundam.

Em se tratando do aspecto ergonômico do espaço, a conscientização tem estrita relação com a ambiência do lugar arquitetônico (Thibaud, 2004; Duarte et al, 2023), uma vez que a ambiência é a conjuntura dos aspectos físicos e imateriais, permeada pela sensorialidade, afetividade e interação mútua entre a ambiência sensível (passível de ser apreendida através dos sentidos) e as atividades humanas que se desenvolvem naquele local. Na perspectiva dos autores, à qual é condizente com o presente trabalho, a ambiência é o aspecto transcendental que preenche e complementa o espaço físico em que as pessoas desenvolvem suas vidas, rotinas, trabalhos e estudos. Entende-se, portanto, que a ambiência tem ligação direta à ergonomia do espaço construído e ao processo de conscientização, logo sendo componente principal quando se trata sobre percepção dos sujeitos e saúde mental relacionada ao ambiente.

Por fim, soma-se os conceitos de percepção (Silva, 2021) e experiência do lugar (Duarte et al, 2023). O primeiro, *percepção*, revela como o olhar dos usuários é importante quando da análise do lugar arquitetônico, uma vez que recobre o ambiente construído com uma camada humanizada de escrutínio, fazendo com que a arquitetura alcance novas dimensões de reflexão e atenda às necessidades dos usuários. O conceito de experiência do lugar que compreende a subjetividade, memória e carga psíquica do sujeito (Duarte et al, 2023); entende-se, em meio a esta definição, que condições físicas e psicológicas também compõem o fenômeno da experiência. Através do espaço

construído, o indivíduo pode aperfeiçoar a sensação e a percepção humana (Tuan, 2012), ao passo que também pode ter impactos negativos na experiência dos ambientes.

3. METODOLOGIA

Este recorte faz parte do estudo piloto de uma pesquisa de doutorado ainda em andamento, por parte de uma das autoras. Assim sendo, adotou-se uma metodologia qualitativa e exploratória para conduzir esta pesquisa. Para tanto, realizou-se primeiramente uma pesquisa bibliográfica (Gil, 2002) para se construir um arcabouço teórico de referência sobre os temas a serem estudados. Em seguida, empreendeu-se um estudo de caso em uma Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, de uma Universidade pública da região Norte do Brasil, onde foi possível explorar as situações da vida cotidiana que se configuravam em hipótese do estudo: os espaços construídos da faculdade poderiam exercer impactos negativos na saúde mental dos discentes de graduação e pós-graduação da mesma. A partir da aplicação de formulários anônimos *online* e da observação participante, à guisa do que Rocha e Eckert (2008) descrevem, na etnografia, como “descoberta sobre o Outro”, possibilitando a criação de vínculos com os sujeitos e uma relação recíproca entre a pesquisadora e os participantes, ainda que anonimizados.

4. RESULTADOS

O formulário aplicado durante a pesquisa foi compartilhado através de grupos de *Whatsapp* em turmas de graduação e pós-graduação ligadas à faculdade, além de divulgação material no prédio e divulgação *online* também através do *instagram*. O formulário foi estruturado para recolher respostas apenas de estudantes que estudam ou estudaram nas dependências da faculdade e que cursem ou cursaram Arquitetura e Urbanismo em algum ciclo universitário. Dessa forma, foi possível fazer um recorte da população a ser estudada e delimitar a usuários do prédio que tenham tido interação com os ambientes e não enviassem as respostas à pesquisa. Esta medida foi relevante para compreender a percepção de discentes de Arquitetura e Urbanismo sobre a própria faculdade, uma vez que a literatura já apresenta um padrão consolidado sobre a precariedade da saúde mental desta população específica no Brasil (Dourado et al, 202; Balleste, 2021; Hungulo et al, 2025) e em outros países.

De 81 respondentes, 80 pessoas se encaixaram no perfil e foram consideradas para o estudo. Como demonstrado na figura 1, a maioria dos participantes respondeu cursar ou ter cursado a Graduação, sendo 10 pessoas ligadas à pós-graduação. Infere-se que a maior adesão por parte dos graduandos deve-se a uma série de fatores: apesar da pesquisa ter sido divulgada de maneira equivalente às duas populações, apenas a Graduação tem aulas recorrentes no prédio da Faculdade, enquanto a Pós-Graduação está vinculada, em grande parte, à participação em laboratórios de pesquisa e não tem exigência de frequência ou demandas específicas que demandem sua presença no edifício. Logo, a carga horária do curso de graduação de Arquitetura e Urbanismo é extensiva, fazendo com que muitas vezes os discentes tenham que passar os turnos matutino e vespertino na Faculdade, gerando uma carga de cansaço físico e mental direta nos mesmos.

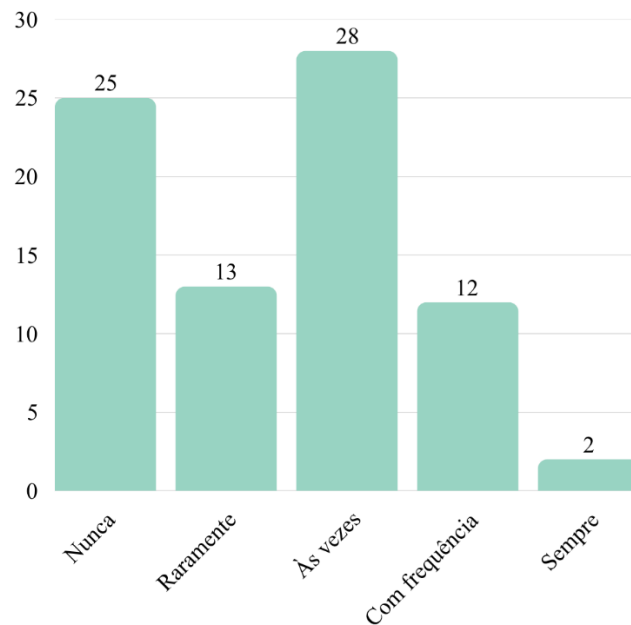
Figura 1: gráfico de respondentes da Graduação e Pós-Graduação



Fonte: Santa Brígida, 2026.

Para este recorte de pesquisa, optou-se por tratar os dados que tenham relação direta com o sentimento de ansiedade. Nesse sentido, o formulário apresentava a pergunta “Me sinto ou já me senti ansiosa(o) ao me aproximar do prédio da FAU” à qual 35% das pessoas responderam “às vezes”, 31,3% “raramente”; 16,2% “com frequência”; 15% “nunca” e 2,5% “sempre”. Ao analisar estes resultados, percebe-se que, no total, 53,7% dos respondentes já sentiram ansiedade às proximidades do prédio da faculdade.

Figura 2: gráfico com as respostas da pergunta “Me sinto ou já me senti ansiosa(o) ao me aproximar do prédio da FAU”



Fonte: Santa Brígida, 2026

Para além da sensorialidade e da carga mental que a rotina, o estresse, a pressão e as demandas exercem no psicológico dos discentes, ressalta-se também que o prédio em questão apresenta o estilo arquitetônico com inspirações modernistas. Dessa forma, as formas retas, o concreto aparente, as nuances cinzas do edifício – ainda que interrompidas pelas faixas em madeira das esquadrias – contribuem como elemento importante de impacto (figura 2).

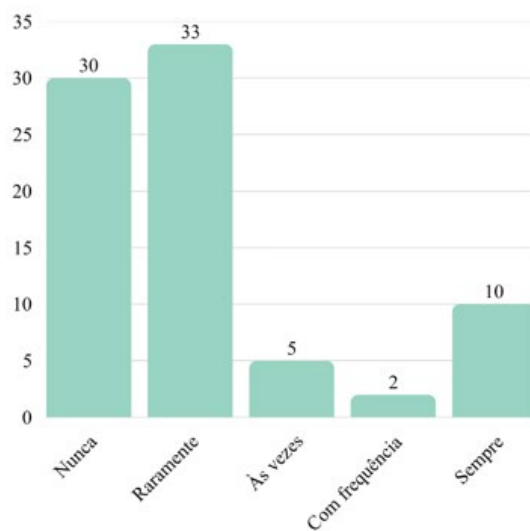
Figura 3: fachada principal do prédio da Faculdade de Arquitetura



Fonte: Santa Brígida, 2026

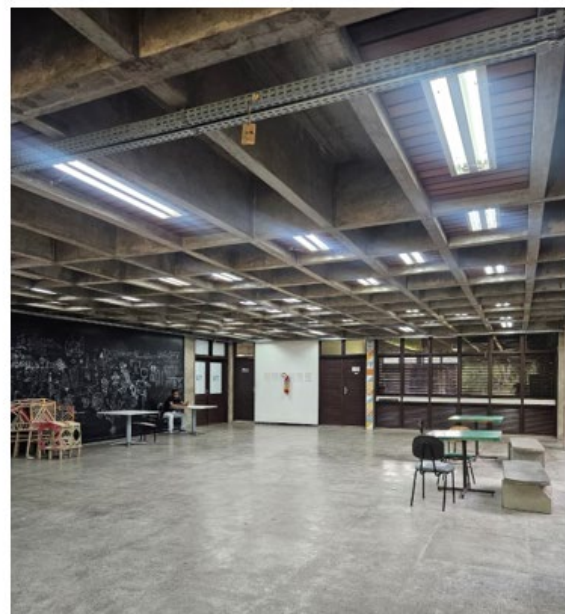
Quando perguntados sobre desregulação nos espaços de convívio, 33 pessoas responderam que nunca se desregulam, enquanto 47 pessoas apresentaram níveis diversos de desregulação emocional nos espaços de convívio. Dessa forma, infere-se que os espaços de convívio na FAU, por serem configurados primariamente em espaço aberto e com os mesmo materiais e texturas da fachada, favorecem a grande circulação de pessoas, mas também a pouca privacidade ou barreira física entre elas. Além disso, sons e barulhos se propagam com facilidade, o que contribui para gerar desconforto e desregulação emocional (figuras 4 e 5).

Figura 4: gráfico da pergunta “Os espaços de convívio (hall de entrada, sala dos estudantes, mesas redondas do piso superior) da FAU me desregulam emocionalmente?”



Fonte: Santa Brígida, 2026

Figura 5: espaço de convívio da FAU



Fonte: Santa Brígida, 2026

O questionário também abordava pontos como: “Sinto ou já senti ansiedade de entrar nos espaços da FAU” e “Associo ou já associei o prédio da FAU ao sentimento de ansiedade”, aos quais a maior parte das respostas também indicaram a presença de ansiedade relacionada ao prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, como demonstram as figuras 6 e 7 abaixo, assim corroborando com a hipótese deste artigo e alinhando-se com a literatura observada sobre o tema. Com o objetivo de mapear os focos ou zonas de ansiedade, caso presentes nos estudantes, o questionário também contava com a seguinte pergunta aberta: “Em quais espaços da FAU você fica desestabilizada(o) emocionalmente?”. A partir das respostas a esse questionamento, foi possível gerar uma nuvem de palavras (figura 8) onde se nota a alta menção às salas de aula, hall da Faculdade

e sala de estudos: lugares onde o fluxo e concentração de pessoas é mais alto, intensificando o ruído, aumentando a temperatura e gerando potencial desconforto aos discentes.

Figura 8: nuvem de palavras gerada a partir das respostas à pergunta: “Em quais espaços da FAU você fica desestabilizada(o) emocionalmente?”



Fonte: Santa Brígida, 2026.

Frente aos dados coletados e ao referencial teórico utilizado, retoma-se à discussão inicial sobre a ergonomia do espaço construído aliada à percepção do lugar e às ambiências arquitetônicas. Ao longo deste trabalho, pôde-se verificar que elementos arquitetônicos têm, de fato, impacto na saúde mental de discentes da graduação e pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo do prédio escolhido. Tal reverberação se demonstra através de perturbações na rotina, estresse, cansaço, desânimo, irritabilidade e problema de desempenho nas disciplinas derivado da alta carga e demanda do Curso.

Para além disso, no entanto, observa-se que os locais de convivência do prédio também são os principais focos de desregulação emocional dos respondentes, seguidos pela sala de estudos e, depois, por laboratórios de pesquisa. Nota-se também que os jardins interno e externo da Faculdade foram citados recorrentemente como refúgios à desregulação psicológica, o que permite inferir que o contato com a natureza em suas cores, sons e texturas contribui para a quebra do torpor causado pela ansiedade ou pela desaceleração dos pensamentos. Uma vez que a faculdade está situada à beira de um rio, cercada por vegetação natural e possui um amplo jardim interno com mobiliário para

descanso (figuras 9 e 10), estes locais performam como “refúgios” aos discentes em momentos de estresse.

Figura 9: vista do jardim externo e do rio, ao fundo.



Fonte: Santa Brígida, 2026

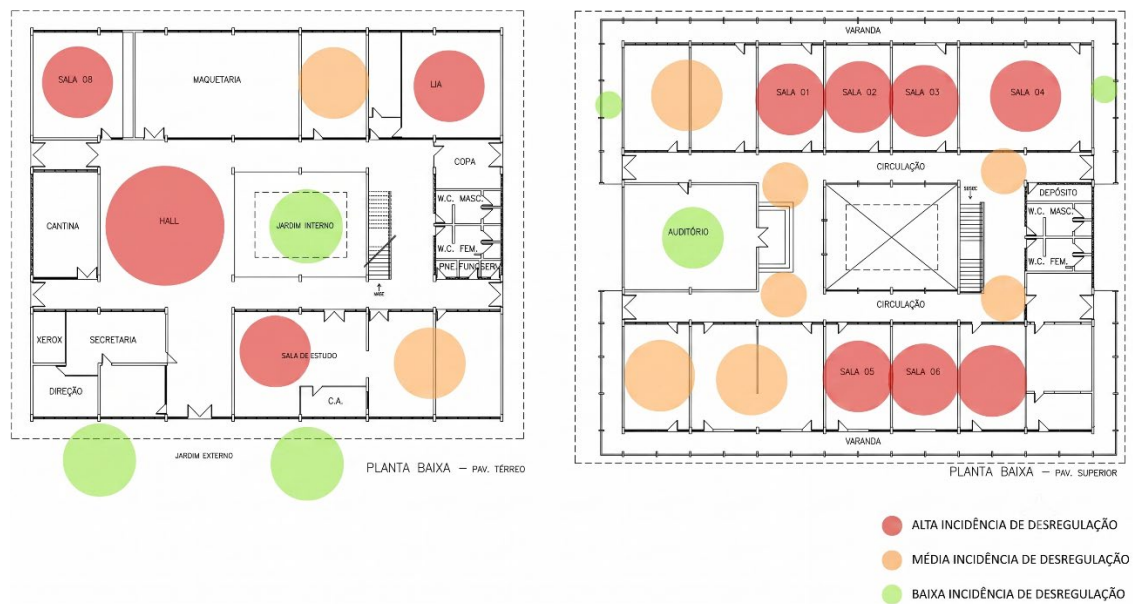
Figura 10: Vista do jardim interno, foto tirada do piso superior



Fonte: Santa Brígida, 2026

Por fim, utilizando como base os resultados coletados com o questionário *online*, elaborou-se um mapeamento sensível (Melo, 2019) dos ambientes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo estudada (figura 11). Em vermelho estão marcados os lugares que foram mencionados com maior incidência pelos participantes da pesquisa (salas de aula, espaços de convivência, sala de estudo); em laranja aparecem espaços intermediários de desregulação, como os laboratórios de pesquisa e espaços no piso superior onde ficam situadas mesas redondas nos corredores para os alunos; em verde estão localizadas as áreas que não tiveram ou tiveram pouca incidência de desregulação emocional, sinalizadas pelos jardins internos e externos.

Figura 11: mapeamento sensível dos pontos de regulação e desregulação emocional da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo



Fonte: Santa Brígida, 2026

5. DISCUSSÃO

Ao longo deste artigo buscou-se demonstrar, à luz da percepção arquitetônica e da ergonomia do espaço construído, o modo como uma construção estática influencia o cotidiano e a saúde mental de estudantes universitários. Apesar de existir uma tendência a relacionar ambiências arquitetônicas com experiências positivas, Duarte et al (2023) vêm ressaltar que a tonalidade afetiva das ambiências não pende apenas para um lado. Sendo assim, é plenamente crível que experiências ruins ou desconfortáveis deem origem ou contribuam para o estabelecimento de uma *ambiência*. Nesse sentido, reforça-se a importância de discutir sobre a ergonomia do espaço construído no campo da Arquitetura e Urbanismo atrelado à percepção do lugar.

Se para Tuan (2012), o lugar é dotado de sentido, nem sempre tal sentido será positivo. Neste caso, faz-se necessário que se compreenda os entraves e principais questões no esforço de que o lugar atenda às necessidades de seus usuários. Partindo da premissa de que o espaço universitário é voltado para o desenvolvimento e aprendizagem, o cenário ideal é de que este também fosse um lugar de conforto aos estudantes que ali ocupam. No entanto, como demonstrado nos resultados deste estudo piloto, esta não é a realidade vivenciada.

Esses achados apenas reforçam a importância e necessidade de maiores estudos quanto à percepção do lugar e o impacto das estruturas na experiência arquitetônica das pessoas, além da existência (ou não) de ambiências nesses espaços específicos. Arquitetura da ansiedade, material ou sensorial; arquitetura *dá* ansiedade no cenário estudado e mapeado a partir das oitenta respostas ao questionário. Neste ensejo, o que fazer para mitigar tais situações? Até onde vai o limite da experiência e percepção humana em se tratando da relação entre saúde mental e espaço construído?

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Azarias Machado de; PIRES, Emmy Uehara. Avaliação dos níveis de ansiedade dos estudantes da UFRRJ[cite: 3]. *Trabalh(En)Cena*, Palmas, v. 5, n. 1, p. 248-268, 2020[cite: 3]. DOI: 10.20873/25261487V5N1P248.

AQUINO, Carolina Barbosa de et al. Ansiedade social em universitários e o impacto da metodologia ativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, [s. l.], v. 12, n. 12, e4382, p. 1-9, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e4382.2020>.

BALLESTE, Samantha. Panorama sobre o cenário da saúde dos estudantes de Arquitetura e Urbanismo: o caso de uma faculdade no sul do Brasil[cite: 4]. *Revista Thema*, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 435-449, 2021[cite: 4]. DOI: <http://dx.doi.org/10.15536/thema.V19.2021.435-449.2044>.

BATTISTO, Dina et al. Mental Health Challenges in Architecture and Landscape Architecture Students[cite: 7]. *Building Healthy Academic Communities Journal*, [S. l.], v. 8, n. 2, 2024[cite: 7]. DOI: <https://doi.org/10.18061/bhac.v8i2.9767>[cite: 7].

CARVALHO FILHA, Francidalma Soares Sousa et al. Inclusão de pessoas com necessidades especiais no ensino superior: desafios e perspectivas. *Revista de Investigação Biomédica*, São Luís, v. 9, n. 2, p. 150-161, 2017

COORDENADORIA DE ACESSIBILIDADE DA UFPA: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS NO ENSINO SUPERIOR. *Educere et Educare*, [S. l.], v. 17, n. 43, p. 99-124, 2022. DOI: 10.48075/educare.v17i43.29669. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/29669>. Acesso em: 29 maio. 2026.

COSTA, Katlyn Laury Fernandes et al. Avaliação dos níveis de ansiedade, estresse e qualidade de vida em acadêmicos de Fisioterapia. *Fisioterapia Brasil*, [S. l.], v. 20, n. 5, p. 659-667, 2019. DOI: <https://doi.org/10.33233/fb.v20i5.2729>.

DUARTE, Cristiane; MIRANDA, Cybelle; PINHEIRO, Ethel; SILVA, Luiz de Jesus. *Experiência do lugar arquitetônico. Dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022

FRAGELLI, Thaís Branquinho Oliveira; FRAGELLI, Ricardo Ramos. Por que estudantes universitários apresentam estresse, ansiedade e depressão? Uma rapid review de estudos longitudinais. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 11, e029593, p. 1-21, 2021. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.29593>.

GIL-MASTALERCZYK, Joanna; JAGIELA, Gabriel. Depression and stress among architecture students - scale, causes, and solutions to improve the learning environment and students' mental wellbeing[cite: 8]. *World Transactions on Engineering and Technology Education*, [S. l.], v. 21, n. 4, p. 266-272, 2023[cite: 8]

HEGENAUER, Jason M. *Stress, Depression, and Anxiety in Undergraduate Engineering and Architecture Students*[cite: 6]. West Hartford: University of Hartford, 2018[cite: 6].

HUNGULO, Américo Custódio; OLIVEIRA, Cristina Lembe Simba Teixeira de; CRUZ, Sandra Marisa Martins da Conceição. Impacto do Estresse e Ansiedade no Desempenho Acadêmico: Uma Análise entre Estudantes dos Cursos de Engenharia do 1º ano da Universidade Óscar Ribas (Uór). Id on Line. *Revista de Psicologia*, [S. l.], v. 19, n. 78, p. 253-267, out. 2025. DOI: 10.14295/online.v19i77.4254. Disponível em: <http://idonline.emnuvens.com.br/id>. Acesso em: 1 jun. 2026.

MELO, Natália Rodrigues de. [Con]viver e [trans]formar pela ambiência. Metodologias para o espaço construído. In DUARTE, Cristiane Rose S. PINHEIRO, Ethel. *ARQUitividades SUBJETuras: Metodologias para a análise sensível do lugar*. 1 Ed. Rio de Janeiro: Rio-Books. p.137-153 2019.

ROSA, Larissa Rodrigues; RODRIGUES, Gabriel Nascimento; OLIVEIRA, Maria Eduarda de Pinho; MENEZES, Aline Beckmann. Acessibilidade atitudinal e competência social: a relação entre professores universitários e estudantes com deficiência. *Revista de Estudos Interdisciplinares*, [s. l.], v. 7, n. 4, p. 1-15, 2025

SILVA, Gerlândia Bernardino da; SILVA, Mariceily Borges da; ABREU, Jaddy Eveny de; LIRA, Andreza de Sousa; CASIMIRO, Maria Raquel Antunes; SOUZA, Anne Caroline de; OLIVEIRA, Geane Silva. Fatores de risco e consequências do transtorno de

ansiedade em estudantes universitários. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo, v. 10, n. 10, p. 2330-2342, out. 2025. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i10.15832>.

SILVA, Luiz de Jesus Dias. Percepção do ambiente construído humanizado. In. SILVA, Luiz de Jesus Dias (Org.). **Percepção do ambiente construído**. Por mais humanização em arquitetura e urbanismo. Belém: Paka-Tatu, 2021.

SMITH, Dianne; LILLY, Linda. Understanding Student Perceptions of Stress in Creativity-Based Higher Education Programs: A Case Study in Interior Architecture. Journal of Interior Design, [S. l.], v. 41, n. 2, p. 39-55, 2016.

SOARES, Adriana Benevides; MONTEIRO, Marcia Cristina Lauria de Moraes; SANTOS, Zeimara de Almeida. Revisão sistemática da literatura sobre ansiedade em estudantes do ensino superior. Contextos Clínicos, São Leopoldo, v. 13, n. 3, p. 911-933, set./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4013/ctc.2020.133.13>

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: Um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012

XIE, Yarong et al. A qualitative investigation of stress related to studying architecture at degree level in the UK. Arts and Humanities in Higher Education, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 3-20, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/1474022219871001>